

O ALMAZEM.

Jornal de Instrução e Recreio.

Maranhão, Typ. da Temperança, impresso por M. P. Ramos, rua Formosa n. 2—1845, onde se Subcreve e vendem folhas avulsas.

Preço por—Anno.....	108000
„ —Semestre.....	58000
„ —Trimestre.....	28500
„ —Folha avulsa.....	\$200

N.º 1. Sexta-feira 18 de Abril. 1845.

Introdução.

DE quantos flagellos pode a mão de Deos descarregar sobre a misera humanidade, a ignorancia sem contradicção e dos mais funestos. A peste, a fome, e a guerra são certamente temiveis calamidades, mas a ignorancia muito a todas se avantaja. Ella só pode ser, e infelizmente muitas vezes tem sido, a fonte e origem das outras tres.

E de feito, quem originou essas scenas de horror que vio Lisboa nos dias 19, 20, e 21 de Abril de 1503, em que mais de duas mil pessoas de ambos os sexos, e de todas as idades forão assassinadas pelas casas, ou queimadas nas praças e nas ruas?!... Quem causou na França em a noite de S. Bartholomeu de 1572 essa horrivel matança que ceifou trinta e cinco mil vidas em que entrara a do almirante Coligni?!... Quem acendeu as fogueiras das inquisições, e ateou tantas e tão cruentas guerras entre as potencias do mundo velho?!... forão o fanatismo e a superstição, filhos primogenitos da ignorancia. E' pois do seu maligno influxo que communmente nascem as guerras, quazi sempre as precursoras da fome e da peste.

Bastantes seculos permaneceu o entendimento humano envólto nas mais espessas trevas, e se atravez destas entre alguns dos antigos povos penetrou a luz das sciencias, essa luz morria dentro das

academias e lyceos, ou se d'ahi sabia a poucos alumniava, porque a carestia dos livros raras vezes permittia a compra de copiosas bibliothecas, nem eraõ muitos os homens, que, inflamados no santo amor das sciencias, a despeito da sua pobreza, a ellas de todo se consagravão. Exceptuados pois muito poucos, o resto era superstição e barbaridade. Assim talvez de maravilha se encontraria um romano que não fosse pai cruel, senhor despotico, ou supersticioso e feroz cidadão. A vida passavão a estes senhores do mundo no circo cevando-se no sangue de milhares de gladiadores, que cada anno, e talvez cada mez ou cada dia, ahi mutuamente se assassinavão para divertimento do povo, cujas primeiras precisões reduzião-se a pão e jogos no circo (*panem et circenses!*...), e tambem era este o seu mais uzual grão nas suas continuas sedições. Venha pão gratuito para satisfazer ás necessidades do estomago, e o sangue dos gladiadores para as do coração!!!!.... O resto do tempo consumião-o na devassidão, em consultar as entranhas das victimas immoladas pelo seu fanatismo, ou em observar a grasnada e vôo das aves que lhes vaticinavão já a protecção, já a colera das suas divindades por sem duvida dignas de taes adoradores. O vôo maquinal de uma aguia, ou de um corvo para a direita ou para a esquerda, produzião amiudadas vezes grandes resultados a favor ou contra os romanos. Mas porque succedia

para os membros das faculdades de naturaes, ainda foi elle a principal origem.

Creou e estabeleceu em 1799 as ephemerides astronomicas. Encorporou o collegio das artes na Universidade; instituiu ali novas cadeiras, e nada faltaria para o acabamento desta obra, se adoptassem-se os estatutos manuscriptos que para isso deixára. Promoveo a criação de muitos estabelecimentos de instrução em Lisboa e Porto, incluindo 18 escolas para o sexo feminino na 1.^a cidade, e seis na ultima. Finalmente, nem se esqueceu de aformosear Coimbra, fazendo construir os uteis e vastissimos edificios do museu e suas dependencias, o laboratorio chimico, o jardim botanico, a imprensa da Universidade, e outros.

Quanto aos seus trabalhos pastoraes, he geralmente sabido que foi zeloso e eminente pastor. A illustração e a moral do clero devêrao lhe continuas fadigas, entre as quaes muito avulta o bello e judicioso plano de estudos para o seminario episcopal de Coimbra. Os seus diocesanos constantemente virão nelle um exemplar da mais severa moralidade. Dizem que deixára muitas e excellentes pastoraes. (Continúa.)

AS MULHERES E A SUA EDUCAÇÃO.

Entre todas as obras do Creador, a mulher, especialmente quando á belleza corporal ajunta a da alma, he sem duvida uma daquellas em que mais brilha a divina magnificencia. Ella so reúne em si o merito de ambos os sexos.

O valor nos homens communmente deve-se ao orgulho, á vergonha, ou ao temperamento. Nas mulheres nasce da virtude.

Segue a mulher sempre os extremos. Quer trilhe as sendas da virtude, quer as do crime, sempre vai além do homem. Na amizade o sexo masculino, he-lhe superior: no amor igualmente não ha paralelo, mas a balança pende para a mulher, que ama com mais ardor, com mais lealdade, e por mais tempo. Tambem, como escreve M.^{de} Stael, *o amor na vida do homem não passa de um episodio, e*

compõe toda a historia da mulher.

He ella quem nos causa os maiores prazeres, assim como as maiores penas da vida. Querem a decifração do enigma? não he difficil.

Quem ha ali que não saboreasse os doces carinhos de uma mãe, que nos labios lhes não bebesse torrentes de delicias?! Que haverá debaixo dos céos comparavel aos afagos de uma consorte casta e meiga? ... Aonde o amigo que na sinceridade e grandeza das affeições possa substituir um coração de mulher? ... Homem, precisas tu a vida, o sangue, ou os bens de tua mãe, da consorte, ou da amante? ... pois bem ella tudo te abandonará. E farias tu igual sacrificio!...

Peto, romano cidadão e pessoa consular, conspirára contra o imperador Claudio, mas descoberta a conspiração e os conspiradores, a morte era inevitavel. Arria mulher de Peto, conhecido o perigo, exhorta o marido a prevenir o supplicio, suicidando-se; Peto hesita. Então Arria armando-se do mais heroico valor, toma um punhal, crava-o no seu proprio peito, e, arrancando o, offerece-lho dizendo — *Peto isto não custa nada.* N'um momento jazião dois cadaveres. E são estes exemplos raros na historia? ... digão-nos os que a estudão.

Entre os seus muitos talentos possui ainda a mulher o de avaliar bem o homem. Assim raro preferirá ella o frivolo e effeminado, a quem a natureza fizera varão em alguma maré de máo humor, ao d'altos pensamentos, forte e energico. He por isso que M.^{de} Stael dizia, *as attenções de uma mulher para um homem que lhes seja inferior em genio, denotão sempre que essa mulher tem para com elle mais piedade que amor. As mulheres carecem de apoio, e nada tanto as esfria como a necessidade de presta-lo.*

Uma delicada organização, grande sensibilidade, feliz imaginação, e vivesa nas paixões, dão ao amavel sexo disposição universal para todos os talentos, para todas as virtudes, e para feitos heroicos.

As mulheres são para os homens o que he o sol para todos os seres. Sem ellas ja mais na vida haverá situação

deputado geral da mesa censoria e da inquisição de Lisboa, e reitor da Universidade para que o nomearão em 8 de Maio de 1770.

Mas entre os vastos planos do sábio e zeloso ministro, já então estava traçado o de collocar a academia lusitana no seu verdadeiro pé, e ao nível das luses e precisões do seculo: com tudo para tão alta emprêza ir ao cabo, era mister a coadjuvação de homens cujos pensamentos bem comprehendessem os do ministro, e com elles se identificassem, e em tal caso não era D. Francisco para esquecer.

De feito em 23 de Dezembro de 1770 chamarão-o para conselheiro da Junta da Providência Litteraria, instituida debaixo da inspecção do cardeal da Cunha, e composta dos mais abalisados talentos que então possuia Portugal, a saber, D. Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, e depois arcebispo de Evora, os doutores Joze Ricalde Pereira de Castro, Joze de Seabra da Silva, Francisco Antonio Marques Giraldes, Manoel Pereira da Silva, João Pereira Ramos, irmão d'elle reitor D. Francisco, e este, que para a feitura dos estatutos na parte relativa ás sciencias naturaes, ainda deu traças ao chamamento do insigne mathematico doutor Fr. Joze Monteiro da Rocha, então, por ser da extincta companhia de Jezus, vivendo em Coimbra na obscuridade e indigencia.

Esta junta, como se sabe, reformou a Universidade, para cujo regimen publicou os estatutos por fãhi de muita gente conhecidos, e que no entender dos sabios são um dos melhores monumentos da litteratura do seculo 17. D. Francisco cooperou distinctamente para esses estatutos.

Feitos elles carecia-se de uma vista prespicaz, e de um braço forte que lhes aplainasse as difficuldades da execução, requisitos que o ministro reconheceu em D. Francisco, pelo que em 1772 o nomeou tambem reformador dos estudos, e consecutivamente bispo de Zenople, coadjutor e futuro successor no bispado de Coimbra, e afinal bispo desta Cidade, conde de Arganil &c.

Morre porem D. Joze I.º, retira-se Pombal, e os seus êmulos insuflados pela vingança e pelo ciúme, dispoem-se a derribar com mão sacrilega os mais gloriosos padrões do antecedente reinado; e a reforma da Universidade, por isso que um dos mais elevados, tambem era dos primeiros a servir de holocausto á inveja e ignorancia. Soube-o o illustre reformador, e uma memoria sua de repente chegou á presença da Rainha, mostrando-lhes a inconveniência e torpeza de semelhante medida. Os seus esforços aproveitaraõ; a reforma subsistio, mas o valente campeão foi victima dos profanadores: ao menos sacrificaraõ uma ãem vez de duas. O principal Mendonça, depois cardeal patriarcha de Lisboa, logo o substituiu nos cargos de reitor e reformador, seguindo se lhe o principal Castro, a quem no momento da despedida o Marquez da Ponte de Lima, então ministro, entregou a sobredita memoria, dizendo-lhe—*leve V. Ex. esse livro para a Universidade, que foi quem a salvou da ruína.*

Apagados já os odios, foi D. Francisco de Lemos em 1779 pelo principe regente novamente nomeado reitor e reformador, e servio até 11 de Setembro de 1821, em que, por occasião da escolha do senhor D. Francisco de S. Luiz para seu futuro successor naquelles cargos, e no de bispo de Coimbra, pediu a El-Rei, que quanto, aos primeiros, se effectuasse logo a successão, dando por cauzaes a sua propecta idade, e muitos padecimentos; e taes eraõ elles, que nem o deixaraõ occupar o lugar de deputado ás cortes constituintes, para que o nomearão, a provincia do Rio de Janeiro.

A solicitude deste varaõ sábio não limitou-se só aos estudos superiores. Os menores de todo o Reino merecera-lhe assiduõs desvellos. Foi elle quem, apesar de inauditas contrariedades, obteve que a Directoria Geral dos Estados fosse creada, e em Coimbra como ponto central de donde todas as medidas devião partir para a regularidade das escolas. Da lei dos cosmographos, e do plano das viagens scientificas dentro e fóra do Paiz

lidade de uma mulher he a doçura. Feita para inspirar amor, a affabilidade he-lhe indispensavel. As maneiras arrogantes tornão a desprezivel e odeada. Eis aqui porque dizia J. J. Rousseau, a mulher sendo creada para obedecer a um ente tão imperfeito como o homem, e tão cheio de vicios e defeitos, he mister desde a infancia costuma-la a soffrer injustiças. Não he por amor do homem, senão de si mesma que a brandura lhes convem. A aspresa e a pertinacia em vez de diminuir os males, augmentão-os. Se a Providencia fez as mulheres tão insinuantes e persuasivas he por que quiz que nas meiguices e suavidade se estribasse todo o seu poder. A sabedoria divina já mais daria á fraqueza o direito de ser imperiosa; á voz de um anjo a faculdade de injuriar, nem a traços tão lindos a de se defigurarem pela colera. Teem as mulheres frequentemente razão de queixar-se, mas nunca de ralhar. Ninguem deve ultrapassar os limites do seu sexo. „

Em fim he tanto mais necessario por via da educação e das letras habitua-las á virtude, que esta sendo nellas ingloriosa, he de pactica mais difficil. As grandes virtudes do homem em regra soao ao longe, e abrem-lhe amplos caminhos á estima publica, que provavelmente era o fito a que mais almejava acertar; assim tira d'ellas gloria e proveito, ou pelo menos gloria. As da mulher fóra dos lares da familia quazi que lhas ignorão. Viver em sua casa, rege-la bem, ser sempre justa, e modesta, eis o que mais lhe convem; mas tudo isto he obscuro, e precisa-se, diz Madama Lambert, avultado merito para se nao ser virtuoso senão aos proprios olhos.

TOLERANCIA.

A indulgencia que os homens teem pelos erros e opiniões dos outros denomina-se tolerancia. O seu vicio contrario he a intolerancia, ou a falta dessa indulgencia.

A razão amestrada pela custozissima experiencia de muitos seculos, convenceu se que esta virtude he essencial

a estababilidade e grandeza das nações, porque a historia do homem não passa de um complexo de erros e desatinos. A ignorancia compõe a totalidade do nosso patrimonio, e nesta parte ninguem sente escassez.

As coizas mais ao alcance dos sentidos cada um as vê por um prisma diverso, e por isso tambem são diversas as imagens. Mas se isto succede no que se vê e sente, o que será no que não pertence ao dominio dos sentidos, ou excede a alçada da razão? Eis porque ideias as mais chimericas e absurdas por vezes teem revultado o mundo, armando os povos uns contra os outros, e até os pais contra os filhos, ou *vice versa*. Desde que ha homens, milhões delles teem pelejado e morrido pelas suas opiniões, e, o que he peor, por opiniões nimiamente encontradas, e por tanto todas ou quazi todas absurdas e falsas, porque a verdade he só uma. De que lado estaria pois a justiça? quem o souber que responda.

Ninguem contestará que he moral e physicamente impossivel, fazer a todos os homens abraçar as meias ideias, seja sobre religião, seja sobre politica: só o tenta lo seria loucura igual á de pertender escalar o ceo.

A Encyclopedia Moderna, artigo Tolerancia, calcula a povoação do mundo conhecido em 670 milhões de habitantes, que, no tocante ás opiniões religiosas, divide da maneira seguinte: Catholicos romanos 120 milhões, 40 protestantes, gregos 36, hebreos ou judeos 4, mahometanos 100, e finalmente 370 milhões para todas as outras seitas.

Ora em toda esta magna multidão de gentes, se exceptuarmos no que respeita á fé os catholicos romanos, de sorte se encontrarão dois homens que em tudo pensem exactamente do mesmo modo, seja quanto ás materias do foro externo, seja quanto ás da consciencia.

Eis aqui porque tinha Locke sobeja razão quando no seu Ensaio sobre o Entendimento Humano se exprimio assim. " Como a maior parte dos homens, para não dizer todos, nunca deixarão de ter sentimentos diversos, sem de maneira al-

guma poderem certificar-se da sua verdade por provas certas e indubitaveis, e como alem disto he um sinal de ignorancia, ligeireza, ou loucura renunciar o homem ás suas opiniões, logo que lhas combatão com argumentos que instantaneamente elle não possa destruir, penso que seria muito vantajoso aos homens viverem em paz, e practicarem entre si os communs deveres da humanidade, e da amizade contra a diversidade de opiniões que os dividem, visto que razoavelmente não se pode esperar que ninguém derepente e por obediencia abandone os seus proprios sentimentos, para com uma cega deferencia a auctoridades que o entendimento não reconhece, adoptar os alheios. . . . Qual he o homem que possui provas incontestaveis da verdade de tudo o que sustenta, e da falsidade do que condemna, ou que pode afirmar ter a fundo examinado todas as suas opiniões, assim como as dos outros? ,

O christão crê, e crê muito bem, que a religião de Jezus Christo he a unica verdadeira, e por consequencia a melhor para conduzir o homem por entre os escolhos da vida aos campos da bem-aventurança. Todavia nos tempos passados, e ainda la não muito longe de nós, contra os preceitos do Divino Mestre, esse mesmo christão, todo encendido n'um zêlo insensato, em vez de ensinar a palavra do Evangelho, e semente la pelos meios suaves, para a conversão dos infieis e dos hereges preferia antes o gladio, fazendo guerra de morte a todos os que não crião como elle.

Os sectarios de Ali e de Omar inflamados já pelo seu proprio fanatismo, já pelas perseguições que lhes movião os das outras religiões, tambem fóra do alcorão não vião salvação possivel. Tornarão-se por seu turno perseguidores, e o alfange era o principal argumento com que convencião que não convinha comer porco nem beber vinho.

O mesmo faria o hebreo se podesse, e todas as mais seitas, segundo a sua força, erão mais ou menos dispoticas: como pois viver neste labyrintho de intolerantes e perseguidores?

Era de absoluta necessidade descobrir um remedio para curar estas chagas do entendimento já quazi chronicas; e de feito a razão auxiliada, como se disse, por uma longa e triste experiencia, buscou-o, e por fim encontrou-o. Pensou-se que se o Divino Legislador, o Justo por excellencia, o Onnipotente, que em um atomo podéra aniquilar todos os falsos cultos, com tudo os tolerava, não devia o homem, feitura sua, e nascido só para lhe obedecer e o servir, ser mais severo.

E foi este um grande pensamento! em resultado d'elle a tolerancia não tardou a penetrar em alguns paizes, a principio como que um pouco envergonhada e disfarçada, depois popularisou-se, passou a viver ás escanceras, e eila ahi decretada nos modernos codigos fundamentaes de algumas nações, e olhada como baze essencial da tranquillidade e riqueza de todas. Sem mentir pode-se asseverar, que ao viajante ser-lhes ba hoje licito ir de Lisboa a Constantinopla, e d'ahi até o Japão sem que no transito o interroguem sobre a sua crença.

Deu-se pois um grande passo para a civilisação. Destronado o fanatismo religioso, o politico tambem não podia viver muito. (Continúa.)

VARIÉDADE.

O HOMEM SEM DINHEIRO.

O homem sem dinheiro he um corpo sem alma, um morto ambulante, um espectro que mette medo. O seu andar he triste, a sua conversação frigidissima, e insupportavel. Se visita alguém nunca o acha em casa, se abre a bocca para fallar, a cada instante o interrompem receendo que finalise pedindo algum dinheiro. Foge-se d'elle como de um empestado, e considera-o como pezo inutil sobre a terra. Se tem talento de nada lhe vale, porque não o pode desenvolver, e se o não tem, olhão-o como um terrivel monstro bipede produzido pela natureza em hora aziaga. Os seus inimigos negão-lhes todo o prestimo; os mais moderados, quando se trata do seu elogio, encolhem os hombros. A miseria acorda-o de manhã, e á noite acompanha-o á cama. As mulheres achão-o feissimo; o dono da casa em que mora, quer que elle se sustente de ar como o camaleão, e os alfaiates que se vista de folhas de figueira como os nossos primeiros páis. Se espirra ninguém lhe diz *dominus tecum*; se quer comprar alguma coisa nas lojas, pedem-lhe primeiro o dinheiro, e se tem alguma divida passa por caloteiro.

(Pensamentos do Conde de Orsini.)

Maranhão, Typographia da TEMPERANÇA—1845.
Impresso por M. P. Ramos, rua Formosa n. 2.